

Alan Silveira

**UM GUIA COMPLETO PARA
VOCÊ ENTENDER A ARGENTINA
E AS SUAS ELEIÇÕES**



LIVRES

INTRODUÇÃO

Você com certeza já ouviu algo sobre as eleições na Argentina, sejam comentários exagerados do que anda acontecendo por lá, sejam comentários mais amedrontados das consequências da volta de Cristina Kirchner ou até mesmo sobre as constantes crises que nunca deixam de acontecer.

A Argentina é uma nação icônica, que deixou de ser um dos países mais ricos do mundo no início do século passado e entrou em um funil de crises intermináveis, governos populistas e descontroles na gestão fiscal. Ficou famosa quando mumificou Evita Peron e espalhou pelo mundo óperas da esposa do famoso político Peron. Além disso, o país também tinha algumas situações pitorescas, como a proibição constitucional de presidentes que não fossem católicos, fato que só foi mudado em 1994.

O fato é que a Argentina passou e tem passado por muita coisa, mas há uma constante em toda a sua história: as crises, sejam elas políticas ou econômicas, e isso não mudou por muito tempo. Em uma crise econômica e a ponto de ocorrer um novo default, a eleição Argentina é pautada por quem é pai dessa interminável crise.

Neste texto, trago um resumo geral dos últimos 30 anos de política no país dos hermanos, faço uma breve viagem nos 7 governos que passaram no país desde a redemocratização em 83 até o primeiro não peronista a ganhar uma eleição em mais de um século. Trago também a visão dos principais candidatos sobre a solução para a crise econômica e, nesse meio termo, faço alguns comentários.

Vem comigo!

A ECONOMIA E A POLÍTICA ARGENTINA NOS ÚLTIMOS 30 ANOS

Você pode até achar que é impossível um país ser pior do que o Brasil em questões políticas e econômicas, principalmente partindo de crises – que ultimamente temos vivenciado tantas – mas não se engane, há situações piores.

A Argentina, como bem falamos, é icônica entre os economistas por ser um país que, no começo do século 20, concentrava mais de 50% do PIB da economia na América Latina, tinha mais de 4 vezes o PIB do Brasil – hoje, o Brasil é 5 vezes maior economicamente – e se tornou uma das maiores inflações do planeta. Essa decadência ainda é uma das histórias econômicas mais intrigantes do mundo. Para se ter uma ideia, o país, entre 1900 e 1914, tinha uma média de crescimento que superava os 7% ao ano, Buenos Aires tinha a maior quantidade de museus numa cidade no mundo e as projeções colocavam o país como sendo um forte candidato a superar a economia dos Americanos.

Só que tudo desandou de vez. Seja na economia ou na política, a Argentina deixou de ser o principal país da América Latina e amargou a queda do seu protagonismo. O país teve mais de 6 golpes de estado em meio século, não havia segurança alguma –para investimentos ou para a política— e isso foi só uma camada do bolo de problemas que o país foi acumulando.

Os presidentes populistas, tanto militares quanto civis, insistiram em uma receita errada para o país: gastar sem ter dinheiro para pagar. Isso talvez tenha se tornado e continue a ser um dos principais problemas da Argentina em toda sua história, políticos populistas excelentes em gerar despesas sem ter como pagá-las.

Na década de 70 e 80, com a ditadura militar, a situação piorou de vez. A Argentina viu a inflação sair do controle e sua dívida externa pular de 5 milhões para 45 milhões de dólares em menos de 10 anos.

E aí, estimado leitor, some a inútil guerra das Malvinas a todo esse gasto e veja um país aumentar estupidamente suas despesas, sem ter dinheiro para pagar. Chega a democracia e o que era para melhorar, acaba piorando. Raul Alfonsín assume a presidência em 1983, mas renuncia em 1989, com uma inflação enorme e um caos social instalado – por conta da hiperinflação que assolou o país, os argentinos começaram a realizar saques a supermercados e comércios. Por lá, também nasceram os “Caras Pintadas” que protestaram bastante durante seu governo. Alfonsín foi importante para a consolidação da nova democracia Argentina, mas a economia não o deixou concluir o seu mandato.

Com sua renúncia, assumiu Carlos Saul Menem e, olha, ele assumiu uma Argentina com uma grande recessão e uma hiperinflação. Foram inúmeras as tentativas de melhorar a economia dos hermanos, mas, de fato, só começou a dar sinais de melhorias quando o ministro Domingo Carvallo assumiu e, por meio do “Plano Carvallo”, começa uma série de reformas do Estado que incluíam privatizações e a paridade entre o peso e o dólar. O governo de Menem ficou famoso por uma série de acusações de corrupção, fraudes e até tráfico de armas.

Por mais que tivesse uma pequena melhora com o “plano Carvallo”, a economia Argentina voltou a piorar. 1/3 dos argentinos foram para abaixo da linha da pobreza e os saques e grandes protestos voltaram a rondar o país. Nesse percurso de problemas, nós já estamos no fim da década de 90 e o presidente da vez era Fernando de La Rua.

Fernando de LaRua assumiu o país na maior crise econômica já registrada, tinha como mote “a força moral” e sucedeu um peronista da ala mais à direita. Também como Domingo Carvallo, tentou acertar a melhora da economia argentina, mas, sem sucesso, enfureceu a população que foi para a rua. A resposta de LaRua aos protestos deixou mais de 30 mortos e foi inevitável a sua renúncia. O momento em que sai de helicóptero da casa rosada rodou o mundo. Anos depois, Fernando de LaRua se dizia perseguido por um golpe civil da imprensa e do congresso.

Em 2001, o país declarou default. O congresso indicou Adolfo Saá para assumir o lugar deixado por LaRua, mas Saá só ficou no poder por menos de 10 dias. O país teve 2 renúncias presidenciais em menos de 1 mês. O país entrou no novo milênio com 1/4 da população desempregada e uma queda em mais de 10% do PIB.

Para terminar o que restava do mandato de LaRúa, o congresso indica Eduardo Duhalde como presidente em 2 de janeiro de 2002. Duhalde estabeleceu uma política de desvalorização do peso e, somado a isso, o aumento do valor da soja. Uma maior presença de turistas pelo dólar valorizado fez com que a economia argentina finalmente obtivesse algumas melhoras.

A eclosão de alguns escândalos, que envolviam até massacres, forçou Duhalde a antecipar as eleições e, em 2003, Nestor Kirchner vence as eleições com o apoio de Duhalde. Um comentário interessante é que, nessa eleição, Mauricio Macri foi sondado para concorrer à presidência e Daniel Scioli foi candidato a vice de Nestor Kirchner. Ambos, Mauricio e Daniel, se enfrentaram nas eleições de 2015.

As eleições de 2003 marcam a chegada dos Kirchner ao poder. Nestor chega a presidência com 22% dos votos e a promessa de ampla mudança na Argentina.

Houve mudanças no Supremo e na política externa. No Primeiro, Nestor começou por levar um processo de impeachment de alguns juízes e indicar novos; no segundo, o país passou a se aliar mais ideologicamente com um Brasil da era Lula e uma Venezuela de Hugo Chávez.

Economicamente, o país pode até ter melhorado e crescido, mas não há o que se discutir: a conta não vem a curto prazo. Por mais que houvesse advertências de economistas, e do próprio ministro da economia, de que era preciso retardar o crescimento para poder controlar a inflação, Kirchner não ligou muito para elas e promoveu aumento de salários, aumento do seguro desemprego e de outros programas de assistência social. Houve um grande subsídio em serviços públicos, como gás, gasolina e eletricidade para que o preço não subisse. Até a indústria alimentícia teve subsídios.

O governo de Nestor também teve seus casos de corrupção. Ministros se demitindo pelos altos valores de obras públicas, a criação da Lei de Superpoderes que aumentava os poderes da presidência para mexer em áreas específicas, como a economia e a assistência social, e a renegociação de contratos públicos sem a pressão do congresso –lei incentivada pela crise de 2001 que, como falamos, foi uma das maiores e das que mais influenciou negativamente os governos que a sucederam. A lei se tornou permanente em 2006.

Nestor Kirchner decide não se candidatar a reeleição em 2007, mas coloca sua mulher, Cristina Kirchner, como candidata. Cristina ganha no primeiro turno com mais de 10 pontos percentuais à frente do segundo colocado e assume em dezembro de 2007 a presidência da Argentina. Foi reeleita em 2011 com uma ampla margem e ganhando em todas as províncias do país, exceto uma. Algumas províncias deram mais de 80% de votos a segunda mulher presidente na história da Argentina.

Nestor Kirchner decide não se candidatar a reeleição em 2007, mas coloca sua mulher, Cristina Kirchner, como candidata. Cristina ganha no primeiro turno com mais de 10 pontos percentuais à frente do segundo colocado e assume em dezembro de 2007 a presidência da Argentina. Foi reeleita em 2011 com uma ampla margem e ganhando em todas as províncias do país, exceto uma. Algumas províncias deram mais de 80% de votos a segunda mulher presidente na história da Argentina.

Seu governo é marcado economicamente por um forte controle cambial, aumento exorbitante dos gastos públicos, aumento da inflação e da impressão de dinheiro. Logo no início de sua gestão, Cristina criou um controle de câmbio conhecido como “Cepo Cambial”, com a finalidade de controlar a evasão fiscal. Na realidade, ele apenas impediu a compra de dólares pelos argentinos e criou um mercado paralelo que vendia dólares com um valor 65% maior que a taxa oficial.

Em 2009, houve um aumento sem igual na impressão de moeda pelo Banco Central, o que fez com que os preços aumentassem de uma forma sem paralelos no mundo, colocando a Argentina entre um dos países mais caros do planeta. Mais tarde, em 2012, o governo de Cristina decretou que era crime noticiar a verdadeira taxa de inflação e praticamente fechou a economia dos nossos irmãos para o mundo.

Uma das cenas mais lamentáveis do início da era K foi em 2007, quando o governo, usando da força policial, tomou o controle do Instituto Nacional de Estatísticas e Censos (INDEC) e trocou os encarregados de calcular a inflação, que na época estava subindo e atrapalhava a eleição de Cristina. Foram colocadas “pessoas de confiança” e, em 2012, foi proibido noticiar qualquer valor de inflação que não fosse a oficial.

Outra questão que aumentou consideravelmente no governo dos Kirchner foi os subsídios a diferentes setores da economia do país, fazendo com que preços fossem “congelados” artificialmente. Setores de extrema importância pública, como os de água, energia e transporte aumentaram estrondosamente de 2006 a 2014. Agora misture uma alta impressão de dinheiro, uma inflação que não se sabia o valor, altos subsídios a diferentes setores, um aumento exorbitante dos gastos públicos, um controle de câmbio e veja uma Argentina estourar numa crise enorme.

Veja a questão dos subsídios na gasolina em que o consumo aumentou em 153%, mas não aumentou a produção, visto que os preços estavam todos “congelados”, o que fez corroer as reservas do país. Na energia aconteceu a mesma coisa, o que fez quadruplicar os apagões na nação. Os gastos do governo aumentaram em 20 pontos percentuais em relação ao PIB, sem contar as inúmeras estatizações desde a YPF e Aerolíneas Argentinas.

Ao final, os Kirchner entregaram um país pior ou igual do que receberam. 2,3 milhões de pessoas caíram na pobreza durante o último mandato de Cristina, havia mais de 30% de argentinos na pobreza e a UNICEF apontava que haviam mais de 4 milhões de crianças na pobreza, sendo que 1,1 milhão já estavam na extrema pobreza. Do que adianta se vangloriar de um alto crescimento econômico no auge de suas políticas econômicas se a longo prazo é esse o resultado?

O fato, amigo leitor, que isso é um resumo geral e breve dos últimos 20 anos de políticas econômicas de sete governos. De Alfonsín a Cristina Kirchner a Argentina passou e continuou em inúmeras crises econômicas, fiscais e políticas sempre repetindo os mesmos erros. Veja que sempre repetimos inflação, alto gasto público, déficit fiscal, impressão de dinheiro, protecionismo e controle de câmbio, ou seja, por mais de 30 anos, os mesmos erros foram cometidos e um novo governo deveria entender que já não dava mais para cometê-los.

Mauricio Macri concorre nas eleições de 2015 com o mote de mudança. Tínhamos ali um candidato novo e de fora da “mesmice argentina” que buscava renovar e melhorar um país que não conseguia se livrar das crises econômicas e políticas que o assolavam por muito tempo. Macri foi eleito no segundo turno, em novembro de 2015. Foi a primeira vez que o país vizinho tinha um segundo turno.

O atual presidente pôs fim naquela eleição a uma hegemonia política que dominava a Argentina desde 1916, desde quando os argentinos podem votar, em que um civil foi eleito sem estar ligado ao peronismo e nem ao partido “Union cívica radical”, e pôs fim a 14 anos de kirchnerismo. Macri prometeu uma série de mudanças, principalmente na economia, mas não foi muito bem isso que aconteceu.

3 ANOS, 9 MESES E 20 DIAS DO GOVERNO MAURICIO MACRI

Macri assume o governo com o mote de mudança e querendo revolucionar economicamente um país que não estava bem das pernas. Era preciso, acima de tudo, regressar com a confiança da economia mundial que estava abalada pelos governos K.

Ele começou primeiro dando liberdade ao INDEC – que foi aparelhado em 2007 – para divulgar dados de maneira profissional e livre e, com isso, tentando restaurar a credibilidade das estatísticas no país, revelando uma série de incongruências nos dados revelados na última década. O aumento nos preços, por exemplo, era 5 vezes maior do que o estipulado. Outro dado assustador é que o país cresceu 18 pontos percentuais a menos entre 2004 e 2014 do que era veiculado, colocando a economia argentina 24% mais pobre do que o que se acreditava.

Dentro das pautas positivas, o governo Macri decidiu acabar com o “cepo cambial” e liberou o dólar, além de acabar com a política de taxaço em exportações. O governo argentino, com Macri, decidiu também por extinguir a política de controle de preços e tarifas – que regressou em 2019 – mas tudo isso não veio seguido de uma política fiscal austera.

Lógico que essa mudança de postura melhorou ambiente econômico dos hermanos, visto que até com os credores internacionais Macri negociou e começou a pagar a dívida. Isso abriu o mercado internacional e após 15 anos, a Argentina voltou a emitir títulos da dívida pública, fazendo a economia respirar um pouco.

Mas nem tudo eram flores no governo Macri – na verdade, a maioria das coisas não eram flores, amigo. Em uma tentativa de manter a popularidade do seu governo no momento em que houve a extinção dos controles de preço, doeu no bolso do argentino. Claro, havia setores com mais de 100% de subsídio, e aí o governo decidiu que iria realizar esses ajustes e essas mudanças na economia de forma gradual.

Começamos a fazer uma análise resumida, ponto por ponto. Na questão do déficit, que era e continua sendo o principal problema argentino, a era K deixou as contas públicas completamente desequilibradas e para tentar melhorar isso, começou a imprimir dinheiro – entre 2003 e 2015, a base monetária do país aumentou em 1730% - desequilibrando ainda mais as contas do país.

Mauricio Macri assumia na tentativa de melhorar isso, mas como assumiu uma postura gradual, não o fez de maneira clara e objetiva, tanto que, desde 2016, a impressão de dinheiro aumentou 130%. Ainda nesse quesito, empresas públicas que geram dívidas ao Estado não foram melhoradas ou privatizadas.

A Aerolíneas Argentinas dá um prejuízo em mais de 2 milhões de dólares por dia, o que é absurdamente fora da normalidade e a empresa continua intacta pelo governo Macri. A YPF, que também dá prejuízos anuais, continuou intacta. Além disso, há uma área de extrema importância e que não houve ação do Estado: o funcionalismo público.

A Argentina, hoje, tem mais de 4 milhões de funcionários públicos e, comprovadamente, mais de 200 mil são funcionários fantasmas, ou seja, agentes com moral duvidosa que se fazem de funcionários públicos e recebem o dinheiro do povo argentino para não trabalhar. Nem nisso o governo Macri mexeu, deixando que mais de 200 mil agentes fantasmas roubem o Estado argentino. Imaginem o quanto isso custa por mês ao tesouro dos hermanos.

Isso tudo gerou uma desvalorização sem igual do peso e a fuga de dólares do país, sem conseguir controlar as contas públicas e, inclusive, aumentando-as. Com uma carga tributária enorme – uma das maiores do mundo – sendo 36% do PIB, entre 2002 e 2017 teve um aumento em relação ao PIB em mais de 10 pontos percentuais. Macri ainda este ano congelou novamente preços de produtos argentinos numa tentativa inútil de controlar a inflação, subiu juros e negociou com o FMI um empréstimo de mais de 50 bilhões de dólares.

Ou seja, querido leitor, o governo Macri maquiou a imagem, mas continuou com as mesmas políticas econômicas e o populismo que assola o país por décadas e tem mostrado sua ineficiência, repetiu as mesmas políticas monetárias fracassadas e se mostrou tão ruim quanto os governos anteriores, principalmente a Era K.

A ARGENTINA HOJE

Hoje, o nosso vizinho mais amado virou um dos sinônimos de recessão, dívida, desemprego e pobreza. Apenas neste ano, já acumula mais de 30% de aumento de preços, sendo um dos índices mais altos do mundo. Segundo o INDEC, a inflação acumulada nos últimos 12 meses é mais que 50% e uma dívida que está próximo a chegar aos 100% do PIB.

A taxa de desemprego tem aumentado consideravelmente, ultrapassando os 10%, e a pobreza não diminuiu nem um pouco, também chegando na casa dos 30%. Somente a derrota de Macri nas eleições primárias fez com que o peso se desvalorizasse em mais de 20%.

Com um dólar disparado no seu valor e a fuga em massa da população para o dólar, na tentativa de manter algum poder de compra, o Banco Central tenta há décadas conter essa fuga e aumenta constantemente os juros. Hoje, a Argentina tem uma das taxas de juros mais altas do mundo, sendo mais de 40%, sem contar o aumento constante da dívida no país. Por conta disso, não houve outra alternativa ao país senão pedir moratória a dívida com o FMI, o que fez com que algumas agências internacionais colocassem a Argentina em “default restrito”, aumentando o risco do país em mais de 2000 pontos. Poderá ser o 9º default na história do país.

Parece que o governo argentino não aprende que fórmula usada já não suporta mais. A população em desespero tem desacreditado mais no governo Macri e vê em Alberto Fernandez e Cristina Kirchner os possíveis “salvadores da pátria”, pois relembram dos tempos áureos da era K, também grandes agentes da crise que vivem hoje.

AS ELEIÇÕES DE 2019

Impressionante que tudo isso tem acontecido em ano eleitoral, mostrando que a América Latina é mesmo um lugar de fortes emoções.

Primeiramente, é interessante mencionar a importância geopolítica das eleições na Argentina. Mesmo que este ano ainda tenhamos eleições em outros países no continente, como a Bolívia, a Argentina traz mais importância por se tratar da terceira economia da América Latina e por ter sido o primeiro importante país a dar início a onda de renovação de governos na região. É importante lembrar que Macri venceu as eleições como um candidato de centro-direita que buscava romper com o kirchnerismo e a esquerda no país. A vitória foi importante não só para os hermanos, mas para todo o continente, pois alavancou a chamada “onda da nova direita latino-americana”.

A vitória de Macri ou do *kirchnerismo* será importante para grupos políticos em todo o continente, pois vivemos uma época em que o discurso vale muito. O México recentemente elegeu um governo mais à esquerda, as crises políticas no Equador e no Peru com seus governos mais à direita têm dado força – mesmo que no discurso – para a

AS REGRAS DO JOGO

As regras eleitorais argentinas foram mudando bastante nos últimos anos e, em 2009, se estabeleceu as prévias. A lei impõe que a cada 4 anos os argentinos decidam em agosto quem deve ser os candidatos nas eleições de outubro. A intenção é que se uma agremiação política tiver mais de um candidato nessas prévias, se decida quem será o oficial. Como isso já é estabelecido em consenso, as prévias de outubro ficam como um termômetro do que poderá acontecer em breve.

Vale ressaltar que o candidato que não conseguir mais de 1,5% nas prévias não poderá concorrer às eleições de outubro. Depois disso, começa em setembro a campanha para as eleições gerais e um possível segundo turno em novembro. Todos acima de 18 anos são obrigados a votar e os debates são obrigatórios e nacionais. Para ganhar as eleições na Argentina no primeiro turno, o primeiro colocado precisa ter mais de 45% dos votos ou 40%, só que 10% a mais que o segundo colocado.

AS PRÉVIAS DO DIA 11 DE AGOSTO

Em agosto, aconteceram as prévias das eleições de 2019. Foram mais de 10 candidatos à presidência de várias áreas ideológicas, mas três se destacaram no resultado: Alberto Fernandez, Mauricio Macri e Roberto Lavagna. Vamos falar desses 3.



Alberto Fernandez

O ex-chefe de gabinete dos Kirchner (Nestor e Cristina) é conhecido pela habilidade de unir, principalmente o peronismo e o kirchnerismo, e, dessa fórmula, nasceu o “Frente de Todos”, coalizão de partidos de esquerda que têm Alberto como cabeça e Cristina Kirchner como vice.

Alberto Fernandez é experiente, apesar de essa ser sua primeira candidatura ao executivo. Ele trabalhou no governo Alfonsín, Duhalde, Nestor e Cristina, está na vida pública há muitos anos, mas rompeu com Cristina em 2007, quando esta começou uma “guerra” com o patronato agrário, passando a criticá-la com unhas e dentes.

Virou professor de direito penal e parecia não ter mais chances de regressar a política, até que voltou como candidato a presidente, sendo zombado e desacreditado pela situação se consolidou rapidamente como um forte candidato.

Nas prévias, teve 47% dos votos válidos, o que se fosse realmente o primeiro turno, ele levaria a eleição, visto que precisaria de apenas 45% dos votos. Isso aumentou o sinal amarelo em Macri, que viu uma derrota acachapante acontecer e perturbou o mercado.



Maurício Macri

Disputando a reeleição, Macri é candidato pelo “Juntos por el Cambio” e terá um peronista na sua chapa, o senador do Partido Justicialista (Peronista) Miguel Angel Pichetto. Já é possível notar uma grande diferença do que aconteceu na primeira eleição de Macri em 2015 e agora, visto que em 2015 ele foi eleito como o primeiro presidente sem ligação ao peronismo em décadas.

Com fortes críticas a sua gestão, Macri amargou um segundo lugar nas prévias, tendo pouco mais de 31% dos votos e sendo o principal derrotado até agora. Não mudou nada do que foi feito nos governos da Era K e não emplacou o prometido de liberalizar a economia e acabar com os subsídios. Amargou a culpa total da crise que assola o país, fazendo renascer a força do kirchnerismo.



Roberto Lavagna

Ex-ministro da economia, liderou uma forte renovação da economia argentina após a grave crise de 2001. Assumiu o cargo em 2002 e permaneceu até 2005, mas se afastou de Nestor Kirchner por divergir na condução da economia e do governo. Já tinha sido candidato em 2007 e tinha fortes chances de ganhar muita notoriedade se a candidata fosse Cristina Kirchner, visto os grandes escândalos de corrupção que a candidata anda enfrentando.

Ficou em terceiro lugar com pouco mais de 8% dos votos. É Candidato pelo Consenso Federal, um movimento de centro que busca divergir da polarização, mas que foi perdendo força depois da jogada de Cristina e Alberto.

Dos 10 candidatos nas prévias, 6 tiveram mais de 1,5% dos votos e poderão ser candidatos no primeiro turno agora em outubro. O resultado que colocou Alberto Fernandez a um passo da Casa Rosada fez o peso despencar mais de 40% em poucas horas e também colocou em xeque as pesquisas eleitorais, pois nenhuma destas previu de forma alguma essa vitória do “Frente de Todos”

Alberto Fernandez teve maioria em praticamente todas as províncias do país e tem fortes chances de ser eleito no próximo dia 27.

AS PROPOSTAS PARA A ECONOMIA

É importante mencionar para você, querido leitor, a importância da economia no debate dessas eleições. Não há no país outro tema mais importante que esse no momento, visto que é o que mais tem mexido na vida de cada cidadão e é o que coloca pessoas na pobreza ou não. Então no debate nesse domingo (13) e durante as entrevistas e coletivas, a economia é o tema mais falado e o que mais tem chamado atenção. Vejamos de forma resumida o que os três principais candidatos têm proposto.



Juntos por el Cambio/ Mauricio Macri

No seu plano de governo, propõe um foco na redução do déficit fiscal e um equilíbrio das contas públicas para atrair investimento estrangeiro e garantir a confiança dos mercados. Fala em incentivar o empreendedorismo e rediscutir legislação trabalhista para garantir emprego formal.

Fala em eliminar restrições nas importações e exportações, principalmente no agronegócio e para baixar a inflação, menciona a redução de subsídios, suspensos durante a campanha. Menciona também que quer diminuir a emissão de moeda.

É possível notar que há promessas idênticas às de 2015 que não foram cumpridas. Fica claro duas delas, por exemplo, que é o fim das restrições nas importações e exportações e o fim dos subsídios, um dos principais causadores do déficit público argentino, que foram suspensos para melhorar a imagem de Macri na campanha.



Frente de Todos/Alberto Fernandez

A chapa do kirchnerismo traz a mesma fórmula do erro de sempre. No seu plano de governo, propõe a priorização de projetos que aumentem exportações, taxas de fomento e, a longo prazo, o aumento de projetos estatais de crescimento produtivo.

O “frente de todos” defende uma ideia de um Estado mais regulador da economia e presente nessas interações econômicas, controlando de maior maneira o mercado e gerando empregos e incentivos ao consumo e a indústrias local. Para eles, a saída da crise e da inflação está num aumento de gastos públicos, um retorno forte dos subsídios e uma maior impressão de moeda, visto que eles entendem que tudo deve melhorar com o crescimento e não com o ajuste. É claramente um “repeteco” de tudo que foi errado nas últimas décadas.



Consenso Federal/ Roberto Lavagna

A terceira via argentina traz uma ideia um pouco mais de centro, falando em capacitação da força de trabalho e no impulso às micro e pequenas empresas por meio da redução da carga tributária de pessoas físicas e jurídicas. Acreditam na melhoria do gasto público e que as tarifas geradas pela diminuição dos subsídios não cresçam acima do salário.

→

A ovelha negra – Jose Luiz Espert, um libertário nas eleições

No meio disso tudo, temos um candidato libertário concorrendo nessa eleição. Por incrível que pareça, o candidato do movimento “Despertar” conseguiu 2,6% nas prévias e teve sua chapa validada para as eleições de outubro. Jose Luis Espert traz a ideia de acabar com todas as taxas e restrições de importação e exportação, fala em firmar tratados de livre comércio com todo o mundo.

Defende de forma aberta o libertarianismo, falando livremente em um Estado sendo o menor possível e em acabar com imposto estaduais e federais. O libertário Espert defende uma redução drástica dos quadros de funcionários públicos, o fim do assistencialismo e acabar com a aposentadoria dos que não contribuíram.

Num país tão peronista e kichnerista como a Argentina, é realmente de se surpreender com a presença de um candidato tão diferente como Espert e me surpreende mais ainda que ele tenha conseguido mais de 1,5% dos votos necessários para passar nas prévias.

CONCLUSÃO

A Argentina é um país *sui generis*. Há um ditado que diz que se você for à Argentina hoje e regressar daqui a 20 dias, estará visitando um país completamente diferente e se regressar daqui a 20 anos, estará regressando ao mesmo país da primeira visita.

Como podemos ver, a vida política dos *hermanos* está marcada pela crise, seja ela política ou econômica. Durante mais de 30 anos, os mesmos erros foram sendo cometidos governo após governo e mesmo num resumo geral como este, desde a redemocratização é possível ver em todos os presidentes os mesmos 5 problemas: alta inflação, alto gasto do poder público, controle de câmbio, protecionismo e déficit fiscal. Parece que vivemos num ciclo, numa espiral de erros impossíveis de serem controlados por conta do mal principal: o populismo, seja ele de direita ou esquerda.

É impossível que eu possa te dar aqui uma receita na cara dura do que deve ser feito na Argentina, visto a infinidade de problemas, mas é possível dizer que todos erraram e tem uma parcela de culpa nisso.

Nos próximos anos, o nosso vizinho e principal parceiro na América Latina passará por testes que definirão o seu futuro: se permanecerá na eterna crise ou se mudará e melhorará. Esses testes começam agora daqui a poucos dias, no fim de outubro. Permanecer do jeito que está é insistir no erro, regressar ao passado é insistir no erro, não mudar não é uma alternativa.

Insistir nas mesmas ações que foram sendo feitas nos últimos anos é colocar a Argentina numa escuridão interminável, então torçamos para que o país volte a ter a sua grandeza e saia dessa espiral criada pelo populismo.



eusoulivres.org

[@eusoulivres](https://www.instagram.com/eusoulivres)



[youtube.com/LIVRES](https://www.youtube.com/LIVRES)

